

## AÇÕES DE SAÚDE MENTAL DO ENFERMEIRO EM UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE

Sônia Barros \*\*  
Hideko Takeuchi Forcella \*\*  
Marina Borges Teixeira \*\*  
Evalda Cançado Arantes \*

BARROS, S.; FORCELLA, H.T.; TEIXEIRA, M.B.; ARANTES, E.C. Ações de saúde mental do enfermeiro em unidade básica de saúde. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 21(3):255-262, dez. 1987.

*É comum ouvirmos falar do desconhecimento do enfermeiro a respeito das ações de saúde mental, o que tem sido acentuado após a ênfase que vem sendo dada ao trabalho multiprofissional com a participação da enfermeira, trabalho que é realmente produtivo quando cada profissional conhece suas ações específicas. Em face desta crença, com base em nossa experiência e na revisão de literatura, apresentamos uma proposta de ações de saúde mental do enfermeiro em Unidade Básica de Saúde. Esperamos, desta forma, contribuir para que o enfermeiro participe efetivamente da equipe multiprofissional em saúde mental.*

UNITERMOS: *Saúde mental. Enfermagem psiquiátrica. Enfermagem em saúde mental.*

O homem paga elevado preço pelas vantagens econômicas e administrativas que a vida na cidade lhe oferece. As zonas periféricas superpovoadas são o resultado mais notável do crescimento urbano não planejado e nem controlado. De acordo com a "Publicación Científica" nº 446 da OPS (1983), nos países em desenvolvimento, dezenas de milhões de pessoas vivem em situações semelhantes, o que causa efeitos desastrosos na sua qualidade de vida. Isto faz com que ocorram, entre outros, problemas de tensão psicológica, abuso de álcool e drogas, fracasso escolar e violência.

Os fatores econômicos e as mudanças sociais exercem influência considerável sobre a vida mental das pessoas e também sobre a estrutura e a dinâmica das famílias. A aplicação dos conhecimentos de saúde mental pode contribuir para prevenir conseqüências psicossociais danosas decorrentes de certas mudanças sócio-econômicas.

Em nosso país, o governo federal reconhece, no Programa de Reorientação da Assistência Psiquiátrica (1983), que a severa desigualdade

---

\* Enfermeira. Doutor em Enfermagem. Professor Assistente Doutor do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica da Escola de Enfermagem da USP. Disciplina **Enfermagem Psiquiátrica**.

\*\* Enfermeira. Mestre em Enfermagem. Professor Assistente do Departamento de Enfermagem Materno-Infantil e Psiquiátrica. Disciplina **Enfermagem Psiquiátrica**.

na distribuição da renda, a acelerada expansão demográfica, a progressiva urbanização das populações, o afrouxamento dos vínculos familiares, a precariedade das habitações, a carência alimentar, as dificuldades de transporte e o desemprego são fatores de tensão e condicionamento da demanda crescente para a assistência psiquiátrica. A pobreza, em si e por si mesma, torna essa população mais vulnerável aos distúrbios psíquicos, dando a estes um caráter de maior gravidade.

Publicação da OPS (1983), revela que, em estudos epidemiológicos, pelo menos uma quinta parte de todos os pacientes que recorrem aos serviços gerais de saúde sofrem de problemas fundamentalmente psicossociais; proporção ainda maior apresenta uma combinação de problemas psicossociais e somáticos.

Na atualidade, certas técnicas e métodos efetivos têm demonstrado serem aplicáveis na assistência às pessoas portadoras de transtornos mentais sob o prisma da atenção primária.

A atenção primária de saúde é orientada para os principais problemas de saúde da comunidade e inclui promoção da saúde, prevenção, tratamento da doença e reabilitação do indivíduo, necessários para resolver esses problemas.

O Comitê de Especialistas em Saúde Mental da OMS (1961) estabeleceu já em 1949, como princípio, estimular a inclusão nos serviços de saúde pública, a responsabilidade da manutenção das funções mental e física da população.

O "Segundo Informe" deste mesmo Comitê (1961) trata com amplitude o tema "a saúde mental na prática da saúde pública". Em diversas reuniões foram estudados, com especial atenção, os serviços de saúde pública, nos quais poderiam integrar-se satisfatoriamente as atividades preventivas de saúde mental, e concluiu-se que esses serviços são principalmente os de maternidade, de assistência aos lactentes, às crianças em idade pré-escolar e escolar, de doenças transmissíveis e de ajuda à pessoas inválidas.

Para o enfermeiro, como membro integrante da equipe de assistência à saúde comunitária, torna-se necessário definir qual será a sua contribuição no campo da saúde mental, ao nível da atenção primária.

DOMINGUES (1982) diz que, em termos de operacionalização, a enfermagem, no seu significado mais amplo e atual como profissão de saúde, orienta suas ações para prevenção na área da saúde, recuperação e reabilitação das doenças mais frequentes que afetam a comunidade. Independentemente ou em coordenação com profissionais de outras áreas, prevê ainda a função básica de ajuda e apoio, que a comunidade e o indivíduo requerem em suas diferentes idades e etapas situacionais do seu desenvolvimento e crescimento, como permanente esforço para salvar e recuperar a saúde.

O enfermeiro psiquiátrico, que até há pouco tempo desempenhava atividades assistenciais dirigidas ao paciente hospitalizado, hoje é solici-

tado para dar sua contribuição específica numa proposta multidisciplinar, ajudando a pessoa em ambiente extra-hospitalar a enfrentar o sofrimento psíquico. Novas responsabilidades e ações em ambulatórios e centros de saúde são exigidas do profissional que tem sua atuação na área de saúde mental.

Devido à escassez de enfermeiros especializados na área de psiquiatria, o enfermeiro de saúde pública que já atua em centros e postos de saúde, trabalhando com indivíduos, famílias e outros grupos da comunidade, é um profissional valioso e eficiente para desenvolver atividades de saúde mental.

É necessário que o enfermeiro de saúde pública esteja alerta para a importância dos aspectos de saúde mental e que também estes sejam integrados em todas as atividades de enfermagem de saúde pública, dos serviços de atenção primária de saúde. É importante, ainda, que o enfermeiro treine seu pessoal auxiliar para esta integração, respeitando os recursos existentes.

Em nosso meio, já existem alguns estudos que alertam sobre a necessidade de atuação do enfermeiro de saúde pública na área de saúde mental, e dão indícios sobre atividades que podem ser executadas por ele (BARROS et alii, 1973; FORCELLA & NOGUEIRA, 1978).

No presente trabalho há a tentativa de ampliar as ações de saúde mental do enfermeiro de saúde pública, com o objetivo de ajudá-lo na sua atuação junto aos demais membros da equipe multiprofissional, visando elevar o nível de saúde mental da população assistida.

Para atingir este objetivo, o enfermeiro deve planejar ações de saúde mental inserindo-as nos programas oficiais já existentes, a níveis regional e federal.

De acordo com as Ações Integradas de Saúde - AIS (1984), existe uma programação conjunta que envolve instituições públicas federais, estaduais e municipais e que englobam atividades gerais e específicas. As áreas prioritárias específicas são promoção da saúde da mulher e da criança e controle de doenças transmissíveis e de doenças redutíveis por saneamento. As ações de enfermagem na saúde mental devem seguir a programação estabelecida pelas AIS nestas áreas prioritárias específicas, respeitando a individualidade local de cada unidade básica de saúde (UBS).

O enfermeiro nas UBS deve executar ações de saúde mental que estão integradas nas atividades que atendem à demanda interna do estabelecimento, como também, as que atendem grupos específicos da comunidade.

Segundo a Proposta de Trabalho para Equipe Multiprofissional em Unidades Básicas e em Ambulatórios de Saúde Mental (SÃO PAULO - Estado — Secretaria de Estado da Saúde, 1983) as ações de saúde mental devem ser integradas nas atividades dos programas e subprogramas da Unidade Básica, porque o aspecto psicológico sempre deve ser abordado,

mesmo que a queixa ou situação não seja especificamente da área emocional.

Atendendo à demanda interna, o enfermeiro poderá desenvolver ações de saúde mental nos programas estabelecidos oficialmente.

## PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA AO ADULTO

Em geral, o adulto, homem e mulher com problemas orgânicos, apresenta, associado a este problema, fatores emocionais que podem agravar o quadro orgânico e muitas vezes tornar-se fator desencadeante dos mesmos.

Ao lidar com este problema, o enfermeiro deve ajudar o paciente a visualizar a inter-relação de fatores emocionais e existenciais com os sintomas físicos, auxiliando, desta forma, o cliente a enfrentar esta situação.

A formação de grupos de pessoas com problemas semelhantes seria uma das maneiras do enfermeiro lidar com esta faixa de clientela. Sugere-se aqui a formação de grupos de hipertensos, de aposentados, de mulheres em climatério, de viúvos, de descasados, de diabéticos, de idosos, de pais de toxicômanos, de alcoolistas, de asmáticos, de cardíacos, entre outros.

## PROGRAMA DE SAÚDE DA MULHER

Este programa visa proporcionar à mulher atendimento e orientação sobre seus aspectos emocionais no "continuum saúde — doença", atendendo-a em sua totalidade, estando ou não em fase procriativa.

As ações de saúde mental dentro do programa de saúde da mulher podem ser executadas em algumas áreas básicas quais sejam as abaixo enumeradas.

— Atendimento da mulher no ciclo grávido-puerperal, por ser um momento crítico na vida da mulher no seu vínculo com a família e o trabalho; este atendimento abrange, entre outros, o preparo da mãe para o parto, controle da gravidez para evitar complicações que possam afetar o filho, desempenho do papel de mãe.

Estas ações podem ser desenvolvidas com grupos de gestantes com maior nível de ansiedade ou maior risco gravídico.

— Atendimento da mulher com queixas ginecológicas mais frequentes como leucorréia, vaginismo, dismenorréia, síndrome da menopausa, frigidez e doenças sexualmente transmissíveis, entre outras queixas. O enfermeiro na pré e pós consulta oferece oportunidade à mulher para discutir suas queixas e ansiedades decorrentes dos problemas ginecológicos; neste momento é criado um espaço para discussões e orientação a respeito de sexualidade e problemas conjugais em geral. Outro aspecto a ser abordado neste item é o da mulher histerectomizada ou mastectomizada, cirurgias estas que podem trazer, como conseqüência,

graves problemas psicológicos. Novamente, pode-se utilizar o recurso de atendimento individual ou o de formação de grupos com características homogêneas.

— Promoção de atividades destinadas a minimizar os sofrimentos decorrentes da condição de ser mulher. Estimula-se a participação das mulheres utilizando-se técnicas que permitam reflexão conjunta como: discussão em pequenos grupos, exercícios corporais, dramatização e uso de materiais confeccionados pelo próprio grupo. Da discussão e reflexão podem surgir debates de temas do cotidiano como espancamento, desigualdade salarial e divisão de responsabilidades na educação dos filhos.

### PROGRAMA DE CONTROLE DE DOENÇAS TRANSMISSÍVEIS

As doenças, tais como hanseníase e tuberculose, têm um caráter socialmente estigmatizantes e a ansiedade provocada no paciente e familiares decorrente deste aspecto pode gerar situações de crise.

Em se tratando da Síndrome de Imunodeficiência Adquirida (AIDS), este caráter estigmatizante é mais grave por ser uma doença recente, pouco conhecida e por ter sido vinculada inicialmente a grupos considerados marginalizados socialmente. Torna-se, portanto, extremamente necessária e urgente, a criação de grupos de orientação para a comunidade e de apoio aos indivíduos portadores do vírus.

No programa de controle de doenças transmissíveis, deve-se abrir um espaço para que os pacientes tenham oportunidades e dificuldades emocionais decorrentes da doença, que ameniza em o seu sofrimento e previnam o agravamento da doença. Nestes grupos, temas como etiologia da doença, isolamento, limitações, formas de contágio e problemas de readaptação devem ser discutidos com os doentes e se possível com os familiares.

### PROGRAMA DE ASSISTÊNCIA À CRIANÇA

Inclui a promoção da saúde mental da criança, dirigida aos pais e responsáveis, focalizando, entre outros: aspectos educativos ou de orientação; abordando questões como aleitamento materno; aspectos do desenvolvimento neuropsicomotor incluindo a estimulação precoce da criança; modificações e problemas referentes à mudança de idade; relacionamento pais-filhos; recreação; aprendizagem; aspectos sobre a "criança-problema"; sexualidade infantil; suplementação alimentar.

Estas atividades podem ser desenvolvidas sob a forma de orientação individual aos pais e responsáveis e também sob a forma de grupos, coordenados por enfermeiro, de clientes com situações semelhantes, tais como: pais de adolescentes; pais de primeiro filho; pais de deficientes físicos; pais de deficientes mentais; mães solteiras; pais que freqüentam o serviço de puericultura; grupos de composição livre (pessoal que esteja aguardando atendimento), entre outros.

## GRUPOS NA COMUNIDADE

Além de sua atuação nos programas estabelecidos oficialmente para atender a demanda interna, o enfermeiro pode ainda desenvolver ações de saúde mental dirigidas a grupos específicos da comunidade. A adoção de medidas preventivas dirigidas à comunidade pode significar um dos caminhos para a promoção da saúde mental; estas medidas preventivas podem ser estendidas ao lar, ao local de trabalho, às escolas, à zona rural e ao local de convívio social.

Especificamente em grupos de pré-escolares e escolares o enfermeiro tem de ser sensível as necessidades emocionais do educando e deve comprometer-se em ajudá-lo na sua interação com os colegas, familiares e com a comunidade. Neste grupo específico, o enfermeiro trabalhará junto à professores e aos pais que enfrentam situações difíceis tais como: ocorrência de retardo mental, desadaptação do escolar, desordens físicas tais como, estrabismo, surdez, diminuição da acuidade visual, dentição irregular e falta de dentes, obesidade, defeito físico, problemas somáticos graves como diabetes, a epilepsia que provoca crises de ausência ou crise convulsiva, entre outras, situações estas que acarretam problemas emocionais.

O enfermeiro pode auxiliar a incorporar princípios de saúde mental no processo educacional, promovendo palestras, oferecendo assessoria, ajudando professores e pais, debatendo com eles temas como: a necessidade de lidar adequadamente com o educando, o cuidado no relacionamento interpessoal com o mesmo. Deve ainda o enfermeiro ajudar a criança em suas dificuldades emocionais ou psicomotoras, a fim de evitar, o encaminhamento desnecessário para atendimento especializado. Deve, também, preparar o professor para a detecção precoce dos casos mais complexos e o correto encaminhamento a tratamento.

Atendendo à solicitação de grupos da comunidade como sociedade amigos de bairro, sindicatos de trabalhadores, clubes de mães e outros tipos de associações existentes, o enfermeiro pode executar ações de saúde mental participando de debates, promovendo palestras e aulas patrocinadas por entidades da região, tendo em vista elevar o nível de informação e compreensão sobre questões ligadas à saúde e aos recursos existentes na comunidade.

Algumas vezes o enfermeiro poderá receber solicitação para assessoria sobre assuntos ligados à saúde mental. Segundo os autores da Proposta de Trabalho para Equipes Multiprofissionais (SÃO PAULO - Estado — Secretaria de Estado da Saúde, 1983) essa assessoria poderá ter caráter breve, por tempo determinado, que não ultrapasse um ano, uma vez que aqui não se trata de suprir a falta do profissional de saúde mental e sim de atender a uma dificuldade circunstancial, na falta de profissionais qualificados para este tipo de assessoria.

Concluindo, a implantação de atividades em saúde mental, pelo enfermeiro que atua em unidades básicas de saúde, pode ser progressiva,

de acordo com objetivos estabelecidos, a curto, médio e a longo prazo, e implica na sensibilização e habilitação deste profissional para detecção das necessidades do cliente, o que possibilita uma atuação dinâmica.

As ações terapêuticas do enfermeiro requerem, deste, capacitação profissional que transcende a formação profissional específica, e que exige conhecimentos como o manejo de técnicas de grupos, psicologia do desenvolvimento, comunicação terapêutica, entre outros.

Ressalta-se, ainda, a necessidade de treinamento e supervisão do pessoal auxiliar da Unidade, que deve estar atento, na sua rotina de trabalho, às dificuldades de ordem emocional apresentadas pela clientela, bem como para tomar medidas que favoreçam a amenização dessa dificuldade.

BARROS, S.; FORCELLA, H.T.; TEIXEIRA, M.B.; ARANTES, E.C. Nursing activities in the field of mental health. *Rev. Esc. Enf. USP*, São Paulo, 21(3):255-262, 1987.

*It's not uncommon to hear complaints about the lack of specification of nursing interventions in Mental Health. Now a-days, with the emphasis given to multiprofessional work systems in that area, those complaints have increasead due to the belief that the system's efficiency also depends on the knowledge that each professional has about his share.*

*Literature and this belief support us in offering a proposal of nurse's specific activities covering mental health approaches.*

*We hope our contribution will help nurses to improve their participation when assisting clients.*

UNITERMS: *Mental health. Psychiatric nursing. Mental Health nursing.*

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, E. et alii. Atuação do enfermeiro de saúde pública no programa de saúde mental de um centro de saúde. *Rev. Bras. Enf.*, Brasília, 26(6):501-7, out./dez. 1973.
- BRASIL. Ministério da Saúde. *Ações Integradas de Saúde*. Brasília, 1984. 45p. São Paulo, 2(2):62-4, 1982.
- DOMINGUES, F.E. A enfermagem e os novos rumos de saúde comunitária. *Rev. Paul. Enf.*, São Paulo, 2(2):62-4, 1982.
- FORCELLA, H.T. & NOGUEIRA, M.J. de C. Atuação da enfermeira na saúde mental da comunidade. *Enf. Novas Dimens.*, São Paulo, 4(5):258-67, 1978.
- INSTITUTO NACIONAL DE ASSISTÊNCIA MÉDICA E PREVIDÊNCIA SOCIAL. *Programa de reorientação da assistência psiquiátrica*. Brasília, 1983. p.9.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Preparación de programa de higiene mental*. Ginebra, 1961. p.4-6, 27 (Série de Informes Técnicos, 223).
- ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. *Dimensiones sociales de la salud*. Washington, 1983. p.3-12, 14-20. (Publicación Científica, 446).
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Saúde. Coordenadoria de Saúde Mental. Divisão de Ambulatórios de Saúde Mental. Proposta de trabalho para equipes multiprofissionais em unidades básicas e em ambulatórios de saúde mental. *Arq. Coord. Saúde Ment. Est. S. Paulo, Franco da Rocha*, 43(nº esp.):1-41, 1983.

## BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- BARROS, S. Papel do enfermeiro: a contribuição multiprofissional para implementação de uma nova política de saúde mental. In: I CONGRESSO DE TRABALHADORES DE SAÚDE MENTAL DA REDE PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO, São Paulo, 1985. (mimeografado).
- BOWLBY, J. *Los cuidados maternos Y la salud mental*. Washington, Organización Panamericana de la Salud, 1968. 232p. (Publicación Científica, 164).
- CAPLAN, G. *Princípios de psiquiatria preventiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1980. p.40-103.
- JERREL, J.M. & LARSEN, J.K. Community mental health services in transition: who is benefitting? *Am. J. Orthopsychiatry*, New York, 56(1):78-88, Jan. 1986.
- LEAVELL, H. & CLARK, E.G. *Medicina preventiva*. São Paulo, McGraw-Hill, 1976. 744p.
- MARLET, J.M. et alii. *Saúde da comunidade: temas de medicina preventiva e social*. São Paulo, McGraw-Hill, 1976. 295p.
- MORGAN, A.J. & MORENO, J. *La práctica de enfermería de salud mental: un enfoque comunitário*. Colombia, Carvajal, 1979. 220p.
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Organización de servicios de salud mental en los países en desarrollo*. Ginebra, 1975. 44p. (Serie de Informes Técnicos, 564).
- ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. *Epilepsia juvenil: informe de um grupo de estudio*. Ginebra, 1957. 51p. (Serie de Informes Técnicos, 130).
- SÃO PAULO (Estado). Secretaria de Estado da Saúde. Coordenadoria de Saúde Mental. Divisão de Ambulatórios de Saúde Mental. Proposta de atuação dos enfermeiros nos ambulatórios de saúde mental. *Arq. Coord. Saúde Ment. Est. S. Paulo, Franco da Rocha*, 46(3 supl.):9-30, jan./jun. 1986.

Recebido para publicação em 17-8-86

Aprovado para publicação em 2-12-87